

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS****Especialização em Literatura Brasileira**

Total de créditos necessários para conclusão do Curso: 24

Duração: 12 a 24 meses

Inscrições: nos meses de dezembro e julho

**Especialização em Literatura Infantil**

Total de Créditos necessários para conclusão do Curso: 24

Duração: 12 a 24 meses

Inscrições: nos meses de dezembro e julho

**Especialização no Ensino da Língua Portuguesa**

Total de créditos necessários para conclusão do Curso: 24

Duração: 18 meses

Inscrições: durante o mês de dezembro

**Público Alvo:** candidatas com Licenciatura Plena em Letras ou áreas afins.**Documentos para inscrição:**

2 Fotos

Xerox da Certidão de Nascimento ou Casamento

Xerox do Diploma de Graduação

Xerox do Histórico Escolar da Graduação

Xerox da Carteira de Identidade

Xerox do CIC

Currículum Vitae

Taxa de Inscrição

**Informações:** fone – (51) 3320.3676**Cruz e Sousa visto a três mãos**

Regina Célia dos Santos Alves\*

Esse trabalho tem o objetivo de fazer uma análise comparativa de três artigos sobre Cruz e Sousa escritos por três críticos diferentes: José Veríssimo, Araripe Júnior e Nestor Vitor. Como foco principal do estudo, tomaremos os seguintes textos: "Uma Poetisa e Dois Poetas",<sup>1</sup> de José Veríssimo; o capítulo quarto do "Movimento Literário do Ano de 1893",<sup>2</sup> de Araripe Júnior; e "Cruz e Sousa",<sup>3</sup> de Nestor Vitor. Estes são os textos que fazem parte do *corpus* de análise, embora alguns outros textos desses mesmos autores, não especificamente sobre Cruz e Sousa, mas sobre o Simbolismo, também sejam usados para corroborar o desenvolvimento do estudo.

Pretendemos, com tal proposta, mostrar como Cruz e Sousa foi recepcionado pelos críticos da época, final do século XIX.

**Cruz e Sousa segundo José Veríssimo**

No artigo "Um poeta simbolista: o Sr. Alphonsus de Guimaraens", presente na segunda série de *Estudos de literatura Brasileira*,<sup>4</sup> José Veríssimo expõe seu pensamento sobre o Simbolismo, mostrando-se não muito simpático ao movimento:

"O simbolismo de fato apenas existe por um grupo de medíocres, que não tem outro valor que o que a si mesmo se dão em vil espírito de parceria".<sup>5</sup>

\* UEL.

<sup>1</sup> VERÍSSIMO, José. Uma poetisa e dois poetas. In: *Estudos de literatura brasileira*. São Paulo: EDUSP, 1997, 6ª série.<sup>2</sup> ARARIPE JR., Tristão de Alencar de. Movimento literário de ano de 1893. In: COUTINHO, Afrânio (dir.). *Obra crítica de Araripe Júnior*. Rio de Janeiro: MEC-Casa de Rui Barbosa, 1971, v. 3.<sup>3</sup> VÍTOR, Nestor. Cruz e Sousa. In: MOREIRA, Thiers Martins (dir.). *Obra crítica de Nestor Vitor*. Rio de Janeiro: MEC, 1962.<sup>4</sup> VERÍSSIMO, José. Um poeta simbolista: o Sr. Alphonsus de Guimaraens. In: *Estudos de literatura brasileira*. São Paulo: EDUSP, 1977, 2ª série.<sup>5</sup> Idem, p. 128.

No artigo "Uma poetisa e dois poetas", José Veríssimo, assumindo uma postura preconceituosa, julga a poesia de Cruz e Sousa inexpressiva, um amontoado de palavras e sons que nada significam:

"Os seus sonetos, se não lhes vamos mais a fundo que ao sentimento literal, não significam coisa alguma [...]. Constam apenas de palavras gramaticalmente arrumadas, sem sentido apreciável, ou tão escuro ou sublimado que escapa às compreensões miseráveis, como a minha. [...] um verdadeiro cacoeite, próprio dos primitivos, das repetições enfáticas, substituindo expressões que lhe faltam."<sup>4</sup>

O comentário acima exprime a inadequação do instrumental teórico usado pelo crítico na abordagem da poesia de Cruz e Sousa. Como os demais críticos de sua época, José Veríssimo firma-se em um instrumental crítico pautado nos preceitos realistas/naturalistas, pouco adequados para a apreensão do ideal da poesia simbolista, que necessita de uma crítica que leve em consideração não apenas os aspectos facilmente reconhecíveis na obra, mas a articulação revolucionária mais ampla do texto. O embasamento naturalista de Veríssimo impele-o a condicionar a produção de Cruz e Sousa à influência da raça e do meio, daí o preconceito que perpassa pela crítica que faz do autor. Da mesma forma, o seu conceito de literatura como *mimesis* do real o leva a ver nos versos de Cruz e Sousa apenas um amontoado de palavras e sons sem significado, na medida em que na poesia simbolista a ponte entre literatura e realidade se torna mais diluída e a base crítica de que dispõe Veríssimo não é suficiente para compreender tal fato.

Na apreciação estética da poesia de Cruz e Sousa, Veríssimo avalia apenas gramaticalmente os textos poéticos do autor, mostrando-se incapaz de compreender as inovações trazidas pela estética simbolista. Algumas construções inovadoras e funcionais existentes nos textos do poeta catarinense são por ele consideradas erros, falhas de redação:

"No soneto 'Ódio sagrado', que é um dos seus melhores, em que há mesmo alguma coisa de sentido e profundo, a palavra *ódio* repete-se seis vezes.

<sup>4</sup> VERÍSSIMO, José. Uma poetisa e dois poetas. In: *Estudos de literatura brasileira*. São Paulo: EDUSP, 1977, 6ª série, p. 97.

"E assim são todos os seus versos. Têm a monotonia barulhenta do tam-tam africano. O homem que os fez devia ser extremamente sensível às grandes sonoridades ruidosas."<sup>7</sup>

Observa-se que, à notação de particularidades gramaticais, Veríssimo associa um preconceito de ordem racial, atribuindo a sonoridade da poesia de Cruz e Sousa a condicionantes raciais.

Embora José Veríssimo incorra em incompreensões em relação a Cruz e Sousa, o que se mostra normal dado o momento em que escreve o crítico, sua formação teórica e o conceito de crítica que se tinha até então, ele consegue perceber algo diferente no autor, que o torna um autêntico poeta. Todavia, o caminho escolhido para a análise dessa peculiaridade, que não encontra amparo nos princípios da crítica realista/naturalista, é o impressionismo crítico, também limitado e pouco eficiente para a compreensão do escritor. Desse modo, ao abandonar a análise gramatical e conteudística, Veríssimo volta-se para comentários vagos sobre a pessoa física do poeta, praticamente esquecendo o texto:

"De um lado a dor profunda desse desamparo, de outro o seu sonho, de que tanta vez nos fala comovido, o seu deslumbramento de miserável em meio 'deste mundo tão trágico, tamanho', geram o estado da alma de pungente e delicioso sofrer em que divagou mais do que viveu este desditoso e comovido poeta."<sup>8</sup>

Dessa forma, evidencia-se o impasse de José Veríssimo em tentar superar o instrumental naturalista que possui e em encontrar uma linguagem crítica mais adequada às novas produções literárias. Consegue perceber, ainda que timidamente, a singularidade de Cruz e Sousa, mas por não ter a posse de uma linguagem crítica que seja a crítica da linguagem, Veríssimo acaba por sufocar sua crítica, que põe em evidência a inadequação de seu instrumental teórico na análise de textos literários que pedem algo mais que a simples apreciação conteudística.

### Cruz e Sousa segundo Araripe Júnior

O texto principal que tomaremos para análise da crítica de Araripe Júnior a Cruz e Sousa será a quarta parte do ensaio "Movimento Literário do Ano de 1893". No início do artigo citado, Araripe afirma que o Simbolismo constitui apenas um "acidente

<sup>7</sup> VERÍSSIMO, José. Uma poetisa e dois poetas. In: *Estudos de literatura brasileira*. São Paulo: EDUSP, 1977, 6ª série, p. 98.

<sup>8</sup> Idem, p. 101.

literário", um modismo exclusivamente francês.<sup>9</sup> Trata-se, ainda, na sua opinião, de mais um "chauvinismo parisiense" que tenta "esmagar o tolstoísmo, o vogüeísmo, o ibsenismo, o ocultismo, o orientalismo, o sinismo, o neobudismo, o japonismo, o americanismo, todo o exotismo".<sup>10</sup>

Com tais comentários, Araripe tenta mostrar a incipiência do Simbolismo, as suas preocupações excêntricas e superficiais, embora os faça utilizando-se de uma linguagem vaga e imprecisa.

Apesar de deixar evidente a sua pouca simpatia pelo Simbolismo, Araripe consegue distinguir alguns aspectos importantes a respeito da estética simbolista, tais como as "três originalidades" decadistas:

"O que é propriamente decadista, eis aqui breves notas:

- a) a holofrase musical de Stéphane Mallarmé;
- b) a instrumentação de René Ghil;
- c) o horror sistematizado do exotismo."<sup>11</sup>

As duas primeiras características destacadas são achados relevantes em relação ao Simbolismo. No entanto, Araripe Júnior limita-se a fazer um simples descritivismo de tais aspectos, pois, assim como José Veríssimo, não consegue ir a fundo em suas idéias sobre o decadismo devido a seu instrumental crítico eminentemente naturalista, inadequado para o estudo das inovações literárias que começavam a se manifestar.

Na crítica a Cruz e Sousa, o instrumental realista/naturalista do crítico torna-se mais evidente. Sua crítica revela comentários preconceituosos e impregnados de preceitos cientificistas, pois delega ao meio e à raça a responsabilidade pelos aspectos da poesia do escritor:

"O fato mais interessante que ocorreu durante o ano passado no acampamento das letras foi a tentativa de adaptação do decadismo à poesia brasileira. A responsabilidade deste cometimento cabe a Cruz e Sousa, autor do *Missal* e dos *Broquéis*. Essa transplantação literária torna-se tanto mais curiosa quanto se trata de um artista de sangue africano, cujo temperamento tépido parecia o menos apropriado para veicular a flacidez e a frialdade hierática da nova escola."<sup>12</sup>

<sup>9</sup> Araripe Jr., op. cit., p. 230.

<sup>10</sup> Idem, p. 145.

<sup>11</sup> Idem, p. 231.

<sup>12</sup> Idem, p. 135.

"De origem africana, como já disse, sem mescla de sangue branco, ou indígena, todas as qualidades de sua raça surgem no poeta em interessante luta com o meio civilizado que é o produto da atividade cerebral de outras raças."<sup>13</sup>

Quando Araripe tenta proceder à análise estética da produção literária de Cruz e Sousa cai no puro descritivismo formal. Mais uma vez, seu embasamento teórico não é adequado para a análise dos procedimentos estéticos da linguagem simbolista:

"É incontestável que nos versos de Cruz e Sousa apresenta-se um dos nossos poetas mais sonoros. Não há nesse livro grande variedade de rimas, nem dificuldade de metrficação. Tudo se resume no compasso ternário, como se diz em arte musical, uma ou outra vez ligeiramente sincopado; e as rimas, raras em nomes, firmando-se de ordinário em qualitativos, obedecem as idéias mais gerais, o que as torna monótonas pela maior parte."<sup>14</sup>

Comparando a crítica de Araripe Júnior a Cruz e Sousa com a que faz dos poetas simbolistas da *Padaria Espiritual* do Ceará, vemos que o crítico se mostra muito mais simpático a estes que àquele. Tal simpatia, no entanto, ocorre devido ao fato de que a poesia praticada por esses escritores se adequa melhor ao instrumental de análise de que dispõe o crítico. Isso torna-se facilmente perceptível na medida que observamos que o tipo de poesia axiológica positivamente por Araripe está ligada ao gosto médio, sentimental e transparente, não chegando a transpor ou inovar a ordem vigente. Em tais circunstâncias, seu instrumental crítico faz-se pertinente.

Não podendo ser diferente, dado o contexto em que viviam, onde o conceito de crítica literária não era o mesmo que temos hoje, de valorização dos aspectos imanentes do texto, e onde os princípios realistas/naturalistas influenciavam marcadamente a formação intelectual e a conduta do crítico, a linguagem crítica de Araripe Júnior, assim como a de José Veríssimo, também se mostra imprópria para a análise da produção artística simbolista.

### Cruz e Sousa segundo Nestor Vitor

Nestor Vitor é considerado, diferentemente de José Veríssimo e Araripe Júnior, um crítico simbolista, pois além dele próprio ser um poeta simbolista, foi o crítico do momento que com mais profundidade tentou estudar a produção literária do Simbolismo. Dele

<sup>13</sup> Idem, p. 147.

<sup>14</sup> Idem, p. 150.

tomaremos o ensaio intitulado "Cruz e Sousa",<sup>15</sup> escrito dois anos antes da morte deste, mas só publicado postumamente.

De início, é interessante notar que Nestor Vitor afirma ser seu texto mais "o esboço do estudo emocional de uma alma" do que propriamente uma crítica, embora já exista uma preocupação do crítico em torno do entendimento do Simbolismo quando afirma que "para ouvi-lo [Cruz e Sousa] precisa-se de tanto dispêndio nervoso como para manusear as suas páginas estranhas".<sup>16</sup>

Vê-se, nesse momento, que Nestor Vitor tenta compreender a poesia de Cruz e Sousa partindo de um de seus elementos principais: o leitor. Ainda que isso não fique claramente explícito no comentário do crítico, percebe-se uma certa consciência de que a literatura de Cruz e Sousa exige um leitor mais refinado, que esteja disposto e preparado para entrar no mundo criado pelo poeta.

Além dessa importante observação, Nestor Vitor consegue perceber alguns aspectos fundamentais da produção literária de Cruz e Sousa: a sugestão, a imprecisão, a menor preocupação em fazer uma poesia que esteja voltada para a interpretação.

Diferentemente de Veríssimo, Nestor Vitor não considera tais aspectos falha, mas o objetivo essencial da obra do poeta catariense. Dessa forma, alerta para o fato de que não se deve buscar em Cruz e Sousa o significado imediato de seus versos, pois, antes de tudo, sua produção prima-se pela "poesia do Vago", pelo "verso Abstração".<sup>17</sup>

A modernidade de seus comentários também se faz presente no momento em que percebe a inconsistência do condicionante *raça* para a explicação da poesia de Cruz e Sousa, considerando-o um procedimento de "futilidade asinina".

Embora avançando na análise de Cruz e Sousa por todos os aspectos levantados, Nestor Vitor também não está livre das amarras impressionistas que imperavam no momento. Também sofre com a ausência de um instrumental teórico que possibilite uma análise mais profunda do texto e a crítica que faz a Cruz e Sousa fica prejudicada principalmente pela ausência de distanciamento necessário da produção do autor e pelo impressionismo crítico, que se envolve em asserções vagas e imprecisas, de caráter tautológico.

<sup>15</sup> VÍTOR, Nestor. Cruz e Sousa. In: MOREIRA, Thiers Martins (dir.). *Obra crítica de Nestor Vitor*. Rio de Janeiro: MEC, 1962.

<sup>16</sup> Idem, p. 4.

<sup>17</sup> Idem, p. 10.

Nestor Vitor, portanto, representa um avanço importante no estudo de Cruz e Sousa. Todavia, analogamente a José Veríssimo e a Araripe Júnior, também sofre limitações, cuja principal delas, que está presente nos críticos há pouco citados, é a inadequação da linguagem crítica, pois ainda não concebem a crítica como crítica da linguagem.<sup>18</sup>

<sup>18</sup> BARBOSA, João Alexandre. *A tradição do impasse*. São Paulo: Ática, 1974, p. 157.